

# Desestabilização e ladainha

A história, além de mestra, passou a ser, hoje, uma vitrine onde se pode acompanhá-la em tempo real. A primeira sensação que tive de ver a história, estar dentro do redemoinho do acontecer, foi com minhas visitas à União Soviética em 1988 e à Rússia em 2000. O território era o mesmo, as pessoas também, os anos bem próximos, mas tudo mudara e estava mudando. Há dez anos a moeda era o rublo com a efígie de Lenine, em 2000 era a águia bicéfala, símbolo dos Romanovs, malditos e assassinados, e agora redivivos. A bandeira da foice e martelo cedera lugar à bandeira tricolor do Império e Nicolau II, canonizado pela igreja ortodoxa é, agora, venerado nos altares. Lenine, encontrei em um sócio, tirando fotografias com turistas por cinco dólares.

Vejo, agora, com a mesma sensação, mais diluída, os julgamentos sobre a Revolução de 64. Cada um conta um pedaço, com a marca dos sentimentos pessoais



**JOSÉ SARNEY**  
PRESIDENTE DO SENADO

de quem viveu os fatos. Pensei que o passado era História, e fiquei certo de que ainda não é História, mas subsídios para a História com pouco do passado e muito do presente. A declaração do presidente Lula me pareceu perfeita: “Cabe agora aos historiadores fixar a justa memória dos acontecimentos e personagens daquele período”.

De definitivo, somente o exemplo dos frágeis tempos institucionais que passamos, estes sim, coisas do passado. Mas há um componente de natureza diferente que se incorporou à democracia nos tempos modernos, componente perigoso. Nasceu um outro contra-poder, fruto da

modernidade da informação e das tecnologias em tempo real, que é a busca de substituir a representação, com legitimidade posta nos mandatos, por uma legitimidade feita pelas pesquisas e pela ação política desestabilizadora. Os marxistas proclamavam três formas de contra-poder: “a resistência, a insurreição e a constituinte”. Agora surgiu outra, a desestabilização. Com ela, balança-se o poder e a legitimidade passa a ser moeda corrente no embate entre governo e oposição.

Getúlio não resistiu a ela, pois se mostrou despreparado para lidar com as formas do poder democrático depois da eleição de 50. Teve, acuado pela desestabilização, de dar um tiro no peito. Juscelino, marcado para ser deposto, teve a grande capacidade política de sobreviver e, depois, declarava: “De tudo que fiz, a maior obra foi evitar o truncamento da democracia”. Jânio também sucumbiu pela

renúncia, por sua incapacidade de lidar com as pressões desestabilizadoras. Não vamos falar dos militares, alguns deles alcançados também pela doença, outra forma de sucumbir.

Eu, marcado para perder para a desestabilização, resisti. Fiz a Constituinte, vivi e soube enfrentar o jogo democrático. Entreguei o país com uma sociedade democrática, livre, instituições consolidadas. Fiz a transição e sobrevivi.

Collor, outra renúncia. Fernando Henrique também soube conviver com as tentativas de desestabilização. Isso passou a ser uma forma de luta política.

Lula não pode fugir à regra e à crise dos contra-poderes. Com uma diferença, não vem do embate político, mas de um dos braços do aparato do Estado, reincidente.

Mais uma vez recordo a sabedoria nordestina: “O pau tá torando onde devia ter ladainha”.

*O senador José Sarney (PMDB-AP) escreve às sextas-feiras nesta página*